A AMAZÔNIA DE DJALMA BATISTA: REFLEXÕES SOBRE A OBRA AMAZÔNIA - CULTURA E SOCIEDADE.

AMAZONIA BY DJALMA BATISTA: REFLECTIONS ON THE WORK AMAZÔNIA - CULTURE AND SOCIETY.

Juliana Terezinha da Silva Medeiros

RESUMO

O presente trabalho visa à reflexão sobre a Amazônia, suas riquezas, modo de vida, produção cultural e alguns de seus problemas baseado, principalmente, na obra Amazônia - Cultura e Sociedade de Djalma Batista. Trata-se de uma coletânea de cinco textos, organizada por Tenório Telles, publicados em revistas, resultados de ensaios, palestras e exposição em fóruns que apresentam o resultado de trabalhos em diversas áreas do conhecimento de pesquisadores tanto nacionais quanto estrangeiros e retratam o pensamento de Djalma Batista como amazônida e amazonólogo.

PALAVRAS-CHAVES: AMAZÔNIA, DESENVOLVIMENTO, SÓCIO-CULTURA.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the Amazon, their wealth, way of life, cultural production and some of its problems based, mainly in the book Amazon - Culture and Society of Djalma da Cunha Batista. This is a compilation of five texts, organized by Tenório Telles, published in journals, results of tests, lectures and forums that have exposure on the outcome of work in various areas of knowledge of both national and foreign researchers and reflect the thinking of Djalma Batista as a “amazônida” (who was born in the Amazon region) and ”amazonólogo” (who studies or try to study, observe and think about this region in its various relevant aspects.

KEYWORDS: AMAZONIA, DEVELOPMENT, SOCIO-CULTURE.

1. Intodução

Praticamente o mundo todo já está sensibilizado em relação às questões políticas e sócio-ambientais envolvendo a Amazônia, porém a constatação do problema não é suficiente enquanto não houver mudanças de hábitos e de atitudes, ou seja, mudança de comportamento por parte do Poder Público, da comunidade internacional e principalmente da sociedade brasileira que necessita conhecer o potencial econômico e os atuais problemas envolvendo o bioma amazônico e seus habitantes para então posicionar-se, em uma visão crítica, tendo a oportunidade cobrar o seu direito à

informação e o de participar do processo de tomada de decisões envolvendo questões referentes ao patrimônio natural e sócio-cultural único da Amazônia.

Mais importante ainda é a aquisição desta visão sistêmica da "questão amazônica" por parte da sociedade amazônida, mais precisamente dos povos da floresta, restando clara a necessidade de estudo e reflexão da região sob um olhar social desprovido de idéias preconceituosas, sem objetivar comparar a visão dos grupos sociais amazônicos com a de outros já inseridos no modo de produção industrial, sob pena de estereotipar ou até de desprezar seus habitantes, seu estágio cultural. Necessita-se também analisar o modelo de desenvolvimento imposto desde a chegada dos colonizadores europeus no século XV até os dias atuais.

A visão que a sociedade brasileira tem da Amazônia e de seus habitantes e a visão que o amazônida tem de si mesmo é muito importante para o delineamento do futuro, pois nesta região as relações sociais, projetos de políticas públicas como saneamento básico, saúde e educação são altamente influenciadas pelo aspecto físico-geográfico – um dos aspecto mais importante para a vida e economia da grande número de municípios é determinada pelo regime de vazante e cheia dos rios da bacia hidrográfica amazônica.

Além da floresta, a população possui identificação cultural, econômica e até afetiva com os rios. Estes são como estradas em uma região que quase não possui sistema rodoviário, ou seja, os rios são responsáveis por levar dignidade a milhares de pessoas na Amazônia, seja provendo o sustento, sendo principal meio de transporte - responsável por quase cem por cento de todas as trocas comerciais, lazer, turismo e, inclusive, do acesso a Justiça por meio da "Justiça Itinerante"[2] .

Considerando estes aspectos da região, é sempre de grande valia a contribuição de escritores como Djalma Batista, de quem alguns trabalhos foram reunidos na obra Amazônia - Cultura e Sociedade, na qual se baseia este artigo. Este estudo faz um convite a uma "caminhada" pelos cinco textos contidos na obra acima: Letras da Amazônia, Cultura Amazônica, Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico, Da habitalidade da Amazônia e Brancos e índios na formação da Amazônia. Trata-se de textos publicados no final da década de 30 até meados da década de 70 do século passado, mas que demonstram preocupações atuais de alcance até internacional, já que a Amazônia pertence a toda a humanidade. O marco inicial e final demonstra momentos totalmente diferentes com relação à capital amazonense, por exemplo – no primeiro a economia praticamente estagnada devido ao declínio da produção da borracha (com pequena recuperação durante o período da Segunda Guerra Mundial) e no último o reaquecimento da economia agora baseada nas indústrias de eletro-eletrônicos da Zona Franca de Manaus.

Destaca-se que praticamente todas as questões apresentadas podem ser repensadas e rediscutidas a partir de problemas, soluções ou até preocupações existentes à época da produção do trabalho pelo autor, mas que ainda hoje persistem, causam inquietações e clamam por respostas e por soluções pensadas, debatidas e criadas, preferencialmente, mas não exclusivamente pelos habitantes desta Região. Tudo isto demonstra a atualidade e a dinamicidade dos temas em apreço.

2. Letras da Amazônia

Letras da Amazônia é um ensaio publicado em 1938 pela Editora César. Djalma Batista, como o faz em toda a extensão dos textos que integram a obra "Amazônia Cultura e Sociedade", inicia com uma exaltação à Amazônia, vez que fala da dificuldade que qualquer indivíduo encontra quando se propõe a falar da região em qualquer dos seus aspectos, aventurar-se neste propósito seria: enfrentar senão infinito, pelo menos o indefinido. Sendo isto perfeitamente compreensível já que, em sua visão, a Amazônia é a menos conhecida das regiões da terra. Este quadro não mudou muito atualmente, pois a julgar pela imensidão da região e pela biodiversidade que ainda é necessário descobrir e/ou aprofundar-se em estudo, muito ainda há que ser conhecido e pesquisa.

Neste primeiro texto, o autor cita as principais figuras do que ele chama de "colunas mestras da intelectualidade no extremo norte".

Referencia primeiramente os primeiros cronistas responsáveis pelos registros das primeiras expedições feitas pelos europeus nesta região: Frei Gaspar de Carvajal com Orellana e padre Cristóbal Acuña com Ursúa., Samuel Fritz , quem levantou o primeiro mapa da região.

Depois passa a expor a trajetória de exploradores e naturalistas, que em seu ponto de vista, eram pessoas curiosas de entender o Mundo Novo, deslumbrados com tantas belezas naturais, que realizavam estudos sob aspectos naturais da região e da vida na região: geografia, zoogeografia, ictiologia, botânica, arqueologia, etnografia, hidrografia, fitologia e outras ciências; o autor sempre comenta que estes estudiosos tinham verdadeira admiração pela região.

Relata o trabalho dos folcloristas; relata o valor literário de suas obras, pois estes profissionais descreviam as lendas, costumes, a língua – como pe. Constantino Tastevin que escreveu uma *Gramática da língua tupi* e Osvaldo Orico que escreveu o *Vocabulário das crendices amazônicas.*

A um outro grupo, Djalma Batista intitula os seus membros de Reveladores da Amazônia; esta parte do texto é importante pois o autor faz uma resenha de alguma das obras dos autores citados - às vezes com riqueza de detalhes – o que aguça a curiosidade do leitor e não deixa de ser um incentivo para a leitura de obras clássicas da literatura amazônica. Neste rol encontra-se Euclides da Cunha que, na opinião do autor, traçou diretrizes seguras aos estudos amazônicos; Alberto Rangel (Inferno Verde) e Alfredo Ladislau (Terra imatura), Araújo Lima (Amazônia), barão de Sant'Anna Nery (Le pays des amazones), Inglês de Sousa (O Missionário), Carlos de Vasconcelos (Deserdados), Ferreira de Castro (A Selva), Aurélio Pinheiro (À margem do Amazonas), Ramayana de Chevalier (No circo sem teto da Amazônia), dentre outros. Ao final o autor destaca a pessoa de três autores "Três nomes de alto porte merecem ser incluídos nesta relação de amazonólogos, mercê de valor e de sua obra", são eles: Agnello Bittencourt, Arthur Cezar Ferreira Reis e Anísio Jobim.

O autor também faz uma homenagem aos escritores do Amazonas e do Acre. Inicia homenageando os autores já falecidos na ocasião da feitura do texto como Heliodoro Balbi; depois os intelectuais militantes no cenário das letras amazônicas á época como Mário Ypiranga e Violeta Branca.

Em conclusão o autor comunica que sua intenção divulgar sua profunda admiração e divulgar os nomes destes obreiros grandiosos das letras da Amazônia. Também revela que em sua opinião, o verdadeiro símbolo da Amazônia no contexto em que vivia (1938) era a goma elástica.

3. Cultura Amazônica

Estou convicto de que só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de Liberdade, de Justiça Social e de Paz: é a cultura! (Djalma Batista)[3]

Este ensaio de interpretação sobre a cultura amazônica foi publicado originalmente na Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 2, em maio de 1955. O texto se inicia praticamente dando um conselho, fazendo um alerta de que a cultura dos Estado que compõe a Amazônia brasileira é semelhante, e que temos que encarar os assuntos regionais englobadamente. Pensar diferente, só leva a isolacionismos e preconceitos que devem ser abolidos já que vivemos em uma parte do território brasileiro com características comuns que impõem identidade étnica e econômica, o mesmo padrão de cultura, daí a necessidade de se considerar a Amazônia como um todo.

O ensaio preliminarmente traça um perfil demonstrando que tentativa de incorporação das populações indígenas a um modo de organização social do estilo europeu foi feita pelos missionários, cuja principal característica foi a imposição do cristianismo, pois catequizar é a primeira forma, quiçá, a melhor forma de se impor um padrão cultural sobre o outro. Depois veio a política pombalina com a expulsão dos missionários jesuítas que bem ou mal já haviam iniciado um trabalho no sentido de mudar a organização social daquelas populações. Djalma Batista destaca que o movimento da Cabanagem como demonstração de um estágio de evolução cultural por parte desde de seus líderes até o mais humilde caboclo que tomou parte naquele movimento de reivindicação de mudanças sociais. O autor assinala que foi o surto da borracha quem mais impulsionou a cultura, vez que havia bases econômicas favoráveis e nas palavras de Mário Ypiranga "carreou para o Amazonas uma leva de imigrantes do pensamento, paladinos do verso, cavaleiros andantes da prosa".[4]

Certo que mais importante do que produzir cultura, estes imigrantes vieram mais atraídos pela riqueza da região e possibilidades de sucesso financeiro do que pela nobre intenção de produção cultural. Mas esta imigração trouxe transformação no processo cultural da Amazônia como êxodo para os principais centros urbanos: Manaus e Belém, a monoextração da borrracha se sobrepôs à agricultura incipiente de café e cacau, surgimento de jornais nas duas metrópoles amazônicas e outras. Isto tudo se traduziu no que o autor denominou de "ebulição mental", que, por sua vez, não trouxe reflexos na sua totalidade positivos para toda a região, destacando uma nostalgia sobre um passado de fausto não mais existente, mas que insiste em ser demonstrado através de puro exibicionismo por parte de alguns setores de classes mais abastardas da região.

Esquematicamente o autor destaca que: em 1955 a base da economia ainda era extrativista, faltando muito para se chegar a uma economia produtiva lucrativa no

sentido capitalista; a questão da má qualidade alimentar que ainda imperava, já que não se produzia diversidade de gêneros alimentícios, sem contar com o consumo irresponsável de certas espécies amazônicas, como os quelônios, levando quase á extinção; mercado, principalmente longe dos centros urbanos, baseado ainda em escambo – o que chamou de sistemas antiquados; pouca conscientização no que tange à escolha dos governantes locais; precárias condições sanitárias – água tratada, condições de moradia, prejudicando a saúde do povo.

Quanto ao desenvolvimento intelectual, em linhas gerais, o autor faz severas críticas à Administração Pública que não primava pelo oferecimento de boas condições educacionais à população, critica o descaso com as universidades públicas no Estado do Amazonas; inquieta-se com o não oferecimento de boas condições de estudos aos jovens; a diminuição da produção intelectual de livros e de artigos publicados em jornais; a baixa criação artística (canções, romances e poesias); relata o desejo de muitos amazonenses de emigrar em busca de melhores condições de vida – às vezes motivado pela falta de estímulo intelectual, vez que, infelizmente, a preparação intelectual não era condição principal para ocupar boas posições na sociedade e sim o bom relacionamento com os detentores do poder e riqueza; isolamento da região - neste caso o autor não reclama do local em si, pois a noção de proximidade ou distância depende de um referencial, mas condena as dificuldades que se tinha de obter informações importantes para o mundo em tempo hábil ou o atraso na chegada dos livros; dificuldade de meios de transporte que pode vir a desanimar até quem viaja para estudar; o baixo salário e o desestímulo à profissão de professor, o que se reflete na descrença no futuro por parte dos estudantes que não se sentem incentivados a estudar; o papel da família e dos estudantes no processo de baixa qualidade educacional, dentre outras mazelas apontadas.

Ao final o autor traça um plano de ação que passa pelo incentivo à criação de universidades no Estado , incentivo ao Magistério, adaptação do magistério às características do interior do Estado do Amazonas como a proteção de professoras primárias nas casas dos seringueiros, visando à própria segurança pessoal; formação de profissionais amazonenses em outros Estados e no exterior, dando condições aos mesmos de retornarem e aplicarem seus conhecimentos no desenvolvimento da região e difundir este conhecimento,multiplicá-lo; instituição de prêmios literários para valorização de criação cultural; o intercâmbio de conhecimento entre as cidades da própria Amazônia como Belém e Manaus; o autor também relata que precisávamos de contatos com inteligências adiantadas de outras terras e de muitos poetas que eternizem nos versos os anseios e sentimentos do povo. É certo que ainda hoje carecemos de intercâmbio cultural e científico no sentido de debatermos as questões mais importantes em relação à desenvolvimento econômico e social, adaptados à realidade amazônica; daí a necessidade de haver contínua troca de idéias entre as mentes adiantadas tanto do Amazonas quanto de outras partes do mundo visando a implantar um modo de produção comprometido com o meio ambiente e com o desenvolvimento social.[5]

4. Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico

O quarto texto da obra analisada adveio de Conferência pronunciada em agosto de 1961, no Teatro Amazonas, a convite dos estudantes que promoveram uma Semana de

Estudos e Debates. Foi publicado na Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 11 de maio de 1963.

O autor destaca que a interação homem-meio é conhecida e discutida a bastante tempo, sendo inegável que um influi na dinâmica de existência do outro. Quando trata da questão do povoamento, escreve que no lado oeste do continente sul-americano viveram e progrediram os Incas, mas na planície (Floresta Amazônica) não houve condições ecológicas para a formação de uma civilização no verdadeiro sentido da palavra e ainda hoje, apesar da grande miscigenação, ainda não se criou uma população numericamente suficiente para fomentar o povoamento e garantir a posse e a exploração da Amazônia. [6]

O texto destaca uma idéia defendida pelo autor, em minha opinião um pouco preconceituosa, que o fato de Amazônia possuir uma das mais altas temperaturas do planetas é fator de diminuição de capacidade laborativa por parte dos habitantes da Amazônia, sendo mister ações que visem a modificar as condições ecológicas, por exemplo: trabalhar nas primeiras horas do dia e ao entardecer; planejamento urbano no sentido de situar bairros residenciais nos lugares de maior altitude; estudo não só físico-químico, mas da dinâmica e processos biológicos dos solos na Amazônia; combate ao desmatamento; melhoramento da alimentação - aqui é destacado o problema do abastecimento insuficiente e do baixo poder aquisitivo da população (problema grave desde 1961!) que é causa de outros problemas sociais como desemprego, fome, prostituição, epidemias, habitações com falta e higiene e conforto - , pois o que se encontrava nas capitais era a escassez de alimentos protéicos e no interior havia fartura ou abundância de alimentos conforme a época do ano; combate a doenças, principalmente as parasitárias – por ser médico, o autor destaca a vitória contra a malária, alcançada à época.

Ao final do discurso, autor lembra que todas as idéias e soluções apresentadas só existirão na dependência de estudos e de pesquisas, de que não se pode deixar de prescindir e considerar a Amazônia como um "corpo harmônico", em que não se pode quebrar esta harmonia.

5. Da habitalidade da Amazônia

Trata-se de um trabalho apresentado no Fórum sobre a Amazônia, promovido no Rio de Janeiro, pela Casa do Estudante do Brasil, de 25 a 30 de setembro de 1963, publicado pelo Inpa – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em 1965, na série Cadernos da Amazônia, nº 4.

Esta parte da obra se inicia com uma comparação de dados de 1955 entre a Amazônia continental (compreendendo a parte colombiana, peruana, boliviana e brasileira) e os países da África e Ásia localizados na mesma posição geográfica. Dentre elas, a Amazônia é a região com o menor número de habitantes; com a dominação e dizimação do elemento nativo não houve a substituição por grandes massas de imigrantes; na Amazônia a população nativa é bastante reduzida e diluída na figura do miscigenado – caboclo, cafuso - , enquanto nas nações equatorias da África e da Ásia os autóctenes são maioria superior a 95%; dentro da faixa ao norte ao sul da linha do Equador não há

nenhuma nação desenvolvida econômico e socialmente na África e Ásia, mas apenas América ou na Austrália e sempre nas vizinhanças dos paralelos de Câncer e Capricórnio (o autor usa a expressão "regiões adiantadas" quando se refere àquelas compostas por nações ricas); os dados mostram que a parte equatorial americana é um vazio demográfico, enquanto as regiões correspondentes asiáticas e africanas são superpovoadas e, a seguir, terce comentários que fazem refletir as causas do subdesenvolvimento dos países do sul do globo e da Amazônia como resultado de um processo histórico que, no desenvolver do capitalismo até à atualidade, sempre relegou, com raríssimas exceções, às ex-colonias americanas, asiáticas e africanas o papel de fornecedoras de matéria- prima ao desenvolvimento comercial e industrial das nações ricas européias (hoje, aos Estados Unidos, Canadá e Japão) impedindo o crescimento econômico com justiça social:

Em suma, a parte equatorial americana é um vazio demográfico, enquanto as regiões correspondentes asiáticas e africanas são superpovoadas, e suas características comuns, talvez extensivas às zonas tropicais, são a presença de uma população culturalmente atrasada e vigência de uma economia tipicamente subdesenvolvida. Para Pierre Gourou, os habitantes das regiões tropicais "atingiram um desenvolvimento intelectual e político muito modesto". [7]

Na apresentação de dados demográficos sobre a região destaca a baixa ocupação demográfica, e mais uma vez enuncia um comentário, um tanto quanto preconceituoso de Pierre Gourou de que "habitualmente, as civilizações atrasadas acompanham-se de densidades fracas", porém há nações superpovoadas na África e na Ásia que ainda não alcançaram desenvolvimento econômico satisfatório.Da mesma forma, ao tentar explicar as causas do vazio demográfico da Amazônia o autor invoca a falta de imigração sistematizada para a região; cita a imigração nordestina impulsionada pela seca ou pela ambição no período áureo da borracha e na Segunda Guerra Mundial com os soldados da borracha – afirma que este contingente populacional era cultural e biologicamente atrasado, mas exalta sua descendência nordestina (o que demonstra um contra-senso de idéias expostas neste sentido).

Nos dados raciais explica que, segundo pesquisas, foi através do nordestino que se introduziu o sangue negro na Amazônia, pois a escravidão negra aqui foi quase inexistente. Mas predomina o sangue índio na população da Amazônia. O autor discorda da superioridade das raças, mas entende que cultura se assimila e que existe uma superioridade cultural das raças, explicando que o branco da Europa e América do Norte é civilizado não por causa do pigmento da pele ou da conformação do crânio, e sim por ter uma tradição de um milênio de cultura, a que se incorporaram as heranças oriental da Grécia, do Império Romano e do Cristianismo. Também destaca que os índios do altiplano andino eram mais evoluídos culturalmente que os da Amazônia, a julgar pelo legado cultural deixado nas ruínas de Cuzco, Machu-Picchu e Tihuanaco se comparado aos da Amazônia.

Nos dados fisiológicos, por meio da apresentação do resultado de trabalhos de diversos pesquisadores, tem-se que não há diferença entre a fisiologia do homem amazônico e as do de outras atitudes.

O dicionário Aurélio afirma que nosologia é o estudo das moléstias. Uma série de doenças tem constituído um entrave para à adaptação do homem ao meio amazônico, dentre elas a mais grave tem sido a malária, cujo maior significado não é letalidade, mas depauramento e anemia que ocasiona. Após a malária, tem-se a tuberculose, doenças diarréicas e disentéricas – relacionadas a questões sanitárias, de saneamento básico e condições econômicas da população, varíola, febre-amarela, o problema dos mosquitos em geral e pragas, como as de formigas, prejudiciais à lavoura.

Quanto ao clima o texto traz dados sobre precipitação, ensolajamento, direção média dos ventos, nebulosidade média e as altas temperaturas do clima equatorial da Amazônia. Algumas considerações sobre a influência do clima sobre o homem são relacionadas, como a fadiga precoce devido ao trabalho sob exposição solar tão forte; idéias para minorar a ação maléfica dos fatores climáticos sobre o homem como adaptação do horário de trabalho a períodos em que a temperatura não está tão alta; adaptação das moradias e do vestuário ao clima.

Em alimentação e ecologia, alerta para a necessidade de se pesquisar de que a população se alimenta e qualidade destes alimentos. Sabe-se que, em 1961, havia baixo consumo de leite, carne, ovos e seus derivados e que as crianças eram as mais prejudicadas por não disporem de leite para sua alimentação. O autor destaca que a base da alimentação da população concentrava-se no peixe, na mandioca e nas frutas da florestas. Porém, estes alimentos estão sujeitos à época e muitas vezes ao acaso, daí cada habitante necessitar de uma área muito grande para coleta de alimentos naturais. Portanto, apesar de a população ser muito pequena, inexiste base alimentar, obrigando à importação de alimentos – enlatados principalmente; além disso o clima quente e úmido obriga ao consumo de alimentos mais rápido do que no clima frio. É apresentado o resultado de uma pesquisa feita no INPA em que é misturada farinha de soja à tradicional farinha de mandioca, enriquecendo o valor protéico do alimento; assim é interesse destacar que o autor afirma a importância de se introduzir a soja na região e convencer o povo e os fabricantes de farinha de que esse processo é vantajoso – o autor ressalta a importância da soja como complemento à alimentação da população, não com o objetivo de implantar grandes áreas dedicadas à monocultura para exportação, como ocorrer atualmente, acelerando o processo de desmatamento da floresta, e agravando problemas sociais como grilagem de terras.

Quanto à formação econômico-social, o texto enuncia que Arthur Cezar Ferreira Reis caracterizou cindo sociedades formadas na Amazônia: extrativista, pesqueira, agrícola, pastoril e mineradora, nas quais não se incluem os habitantes de Manaus e Belém. Essas atividades têm definido a posição histórica do homem da Amazônia, mas, infelizmente, o fator educação conta pouco na formação social da Amazônia, tendo como resultado sociedades em estádio primário de evolução, à procura de um destino social e econômico.

Como pouco se conhecia sobre a Amazônia, o autor defende a intensificação estudos antropossociais das comunidades típicas de modo a recolher a experiência acumulada através de gerações (atualmente tem-se um problema a este respeito,pois observa-se a absorção do conhecimento tradicional feita por cientistas de poderosas instituições internacionais que tem acesso ao conhecimento tradicional através do conhecimentos de comunidades tradicionais, com isso economizam tempo e dinheiro com pesquisas, utilizam este conhecimento para criação de novos produtos farmacêuticos por exemplo

e não contribuem com a melhoria da qualidade de vida daquelas comunidades); utilização das várzeas para as culturas de ciclo rápido, deixando a terra firme para os vegetais de longo ciclo; implantação de programas de saúde pública com continuidade reforma nos métodos de ensino, de modo a torná-lo ligado à terra – período escolar não pode coincidir com a época das colheitas porque os alunos abandonam a escola para ajudar suas famílias como ocorre com o cultivo da juta, colheita da castanha ou fabricação de farinha (esta solução apesar de ter seu valor social, vez que deste modo a criança aprende desde cedo o valor do trabalho e ainda ajuda a sua família, encontra atualmente óbices em diversas normas de proibição do trabalho infantil, bem como no Estatuto da Criança e do Adolescente nos locais em que há fiscalização oficial) e transformação industrial dos produtos primários na própria região (já se tem notado transformação neste sentido, mas ainda hoje a Amazônia é um grande pólo exportador de produtos da floresta sem nenhuma tipo de beneficiamento). Tudo isto como forma de melhorar a habitalidade da Amazônia para seu povo, procurando entender, e em muitos aspectos, dominar o ambiente natural pela técnica, ciência e tecnologia.

6. Brancos e índios na formação da Amazônia

O último texto apresentado na obra de Djalma Batista é um ensaio publicado na Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 16, dezembro de 1974. Inicia-se com comentários sobre o claro choque cultural estabelecido desde o início entre estes dois povos, influindo no equilíbrio ecológico entre o homem amazônico e o meio ambiente antes existente pela imposição da cultura (principalmente portuguesa no Brasil) européia, de uma única língua em substituição das centenas aqui existentes, da religião católica através da catequese feita pelos missionários, pela imposição de outro modo de produção sendo o índio reduzido à condição de escravo (apesar desta prática não ter tido tanto sucesso como a escravidão negra no restante do país). Os povos conquistadores nada teriam conseguido na Amazônia se não tivessem recorrido à sabedoria e á ajuda indígena, pois estes sim conheciam a terra, os seus segredos e onde se "escondiam" as riquezas. Ocorre que os contatos entre as duas civilizações nem sempre eram amistosos, o que levou a inúmeros confrontos reais e ideológicos, culminando na aceitação do domínio europeu por algumas etnias por meio da aculturação e na aniquilação de outras, o que o autor chamou de luta racial secular com regressão social e cultural dos índios em alguns aspectos.

Esta luta continuou quando se alargou a fronteira extrativista com o início do ciclo da borracha, com a fuga para locais mais distantes para poder resistir ao extermínio e vem ocorrendo até hoje pois a luta pela posse da terra e defesa da cultura ainda continua no Brasil. A causa indígena nunca foi nem será motivo para o não desenvolvimento da região Amazônica, ao contrário, o mesmo só será alcançado efetivamente levando em conta a vocação natural da região e de seus moradores e comprometimento com o meio ambiente e com o desenvolvimento social

7. Considerações finais

Pensar a Amazônia e o Direito na Amazônia não é tarefa fácil, requer acuidade, paciência, boa vontade, esforço no sentido de procurar fontes fidedignas de pesquisa, interagir com a natureza e com as pessoas que habitam esta região, daí a importância de

se estudar trabalhos feitos por "gente da terra" como é o caso de Djalma Batista. Muitos das questões levantadas há mais de cinco décadas pelo autor continuam atualíssimas e requerem novas interpretações de acordo com a evolução da economia, do mercado de trabalho, da legislação ambiental brasileira – enfim, do papel que a Amazônia e o Brasil ocupam no cenário mundial.

No momento em que os textos da obra "Amazônia - Cultura e Sociedade" foram escritos a defesa do meio ambiente e da Amazônia ainda não era palavra de ordem mundialmente, mas já se pode notar uma preocupação com o desenvolvimento sustentável e com meios de dispor sadia qualidade de vida aos povos da floresta. Hoje em dia vários são os fatores que contribuem para a devastação da floresta: a pecuária, a grilagem de terras, extração madeireira, o atual expansão dos campos de soja (o autor aponta a introdução da soja na Amazônia como algo positivo, caso fosse empregada com o objetivo de oferecer uma melhor qualidade de alimentação ao povo, não para fins de larga exportação somente), reduzindo a floresta a matéria-prima para abastecer as necessidades do mercado internacional, sendo a maioria dos empreendimentos realizadas apenas porque a região dispõe de vastos recursos naturais, apoiados por políticas e projetos concebidos e planejados de fora para dentro, atendendo capital internacional principalmente.

Portanto, o surgimento de consciência ambiental faz com que a população só aceite modelos de desenvolvimento baseados em princípio de justiça ambiental e social, que possuam mecanismos de distribuição de riquezas e condições básicas de saúde aos habitantes da região, que respeitem a vocação natural da Amazônia, os direitos e a cultura das comunidades tradicionais e dos povos indígenas que aqui vivem, para a formação de uma sociedade efetivamente justa, sonho de vários amazonólogos e defensores desta terra, como certamente o foi Djalma Batista.

8. Bibliografia

BRASIL, Constituição Federal Brasileira de 05 de outubro de 1988.

BRASIL, lei federal nº 9.433 de 08 de janeiro de 1997.

BATISTA, Djalma da Cunha. Amazônia – Cultura e Sociedade. 3ª edição. Organização Tenório Telles: Manaus: Editora Valer, 2006.

MELLO, Thiago de. Amazonas: pátria da água. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

[1] Advogada. Mestranda em Direito Ambiental pelo Programa de Pós Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

[2] A relação estabelecida com as águas na região Amazônica coaduna-se totalmente com os fundamentos da Política Nacional dos Recursos Hídricos (lei 9.433/1997) , principalmente porque sempre se notou uma gestão que tradicionalmente proporciona o uso múltiplo das águas (art. 1º , IV):lazer, transporte, alimentação, comércio, intercâmbio entre as comunidades tradicionais, acesso à saúde, educação e justiça etc.

[3] BATISTA, Djalma da Cunha. Amazônia Cultura e Sociedade. 3ª ed. Organização Tenório Telles –Manaus: Editora Valer, 2006. p. 97

[4] Idem p. 70.

[5] Preocupação com o atual desenvolvimento sustentável

[6] A interação do homem amazônico com a natureza é nítida , porém trata-se de uma região fracamente habitada. O estado do Amazonas, por exemplo, só alcançou a marca de 02 habitantes/km² nos anos 2000, com praticamente 90% de sua população localizada na capital Manaus.

[7] BATISTA, Djalma. Amazônia Cultura e Sociedade. 3ª ed. Organização Tenório Telles – Manaus: Editora Valer, 2006. p. 116